

revista de comunicação,
jornalismo e espaço público

7

Periodicidade
Semestral

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

mediapolis

tema

media, comunicação e género
media, communication and gender



Recensão Crítica

Reis, C. (2016). (coord.) *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*. Coimbra: CLP/FCT (obra em linha: <http://dp.uc.pt/>).

https://doi.org/10.14195/2183-6019_7_15

Em 2012, tinha início no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra o projeto *Figuras da Ficção*, coordenado por Carlos Reis, que se apresentava com o propósito de estudar a personagem ficcional, como categoria fundamental do discurso literário e especificamente dos textos narrativos ficcionais, com vista à construção de um dicionário de personagens. Decorridos cinco anos de trabalhos, ao longo dos quais se multiplicaram colóquios, seminários, reuniões de trabalho sistemáticas, cujos resultados foram sendo publicados, a obra é apresentada ao público. Trata-se do *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa* (DPFP), obra online, de acesso livre e em regime aberto, alojada no domínio uc (<http://dp.uc.pt/>), que aqui se apresenta.

Dada a sua natureza em linha, a sua complexidade e o facto de ser o resultado extensivo de um projeto ainda em curso, esta é uma obra aberta e em desenvolvimento, longe, portanto, de estar terminada. No momento, conta com a colaboração de 35 investigadores, coordenados por Carlos Reis, de perfís, nacionalidades e

especialidades diversificadas: desde jovens membros em formação – que completam as suas dissertações de mestrado ou teses de doutoramento – a investigadores seniores ou bolseiros de pós-doutoramento, portugueses e brasileiros. Trata-se, portanto, de uma equipa multifacetada, multidisciplinar – embora a maioria dos seus elementos seja especializada em literatura portuguesa, existem no grupo especialistas em *media studies*, estudos coloniais – e, essencialmente, muito coesa. Quase todos os seus membros acompanham desde o início as reuniões de trabalho do projeto *Figuras da Ficção* e têm dedicado a este domínio boa parte da sua investigação recente. Aliás, dentro do DPFP, na secção “Apresentação” – uma das cinco que estruturam a obra – pode consultar-se o perfil de cada um destes investigadores, e em “Recursos” está elencada e disponível não apenas a sua produção essencial sobre esta temática (cerca de 90 títulos), bem como um conjunto considerável de teses de mestrado e doutoramento concluídas recentemente sobre temas contíguos a este projeto.

Os 45 verbetes até ao momento (setembro de 2017) disponibilizados

– que constituem o coração do DPFP e que estão integrados na secção “Conteúdos” – trabalham personagens de 16 ficcionistas do século XIX, oferecendo ao leitor/usuário um conjunto circunstanciado de informações que lhe permitem ficar com uma ideia muito clara sobre cada uma das figuras apresentadas: caracterização, procedimentos retórico-narrativos que servem a sua figuração, modos de integração na ação narrativa, aspetos da sua dinâmica interna, propriedades significantes da sua composição, importância na narrativa que integram, relações dialogantes com o período literário, etc. Da meia centena de personagens dicionarizadas, encontram-se desde as figuras das grandes narrativas de oitocentos, como Joaquina e Carlos de *Viagens na Minha Terra* ou Afonso da Maia e Ega de *Os Maias*, até personagens menos conhecidas como João da Graça de *Três Cadáveres* de Fialho de Almeida ou Adelina de *Margarida* de Júlio Lourenço Pinto.

Como em qualquer processo de dicionarização, o trabalho de seleção e delimitação do *corpus* – desde a escolha do arco temporal, até à seleção das figuras a trabalhar – é

um processo sensível, aqui, contudo, bem justificado e fundamentado. Aliás, no texto de apresentação da obra, explica-se a dimensão seletiva do *corpus* precisamente em função da sua “dimensão exegética, com certo índice de problematização das matérias contempladas”. Já no que respeita ao lapso diacrónico – séculos XIX, XX e XXI – justifica-se a sua incidência por ser o “tempo de maturação e de consolidação do romance como género narrativo em que se aprofundam as virtualidades semântico-pragmáticas da personagem”. Promete-se, por outro lado, em fase posterior, numa futura versão alargada da obra, complementar o elenco de figuras trabalhadas com outras de menor visibilidade e até com a introdução de conceitos e categorias de outra natureza (géneros, períodos, tipos com representatividade na ficção portuguesa, etc.).

Todos os verbetes têm, como é característico numa obra desta natureza, uma forte componente descritiva, superada e complementada com crítica, problematização e aprofundamento de matérias. As entradas, embora escritas por diversos autores, obedecem a um guião próprio, fruto de aturado

processo de reflexão e discussão acerca de conceitos, estratégias e dominantes que estão na base do ‘fazer personagem’. Assim se compreende que todos os verbetes disponibilizados até ao momento revelem uma clara uniformidade de procedimentos metodológicos e formais: textos breves, entre as 1500 e as 3000 palavras, claros, mas suficientemente completos e, sobretudo, rigorosos.

A obra constrói-se na articulação de quatro grandes linhas de desenvolvimento, como é explicitado na circunstanciada apresentação: i) a personagem, enquanto categoria narrativa que tem conhecido, nas duas últimas décadas, uma atenção redobrada; ii) a literatura portuguesa, de onde se recortou o *corpus* de trabalho; iii) a história literária, pois um dos critérios de seleção do elenco de personagens a dicionarizar obrigou a um recorte diacrónico que cobre essencialmente a época moderna e contemporânea; iv) finalmente, os Estudos Narrativos, campo interdisciplinar em franco desenvolvimento desde o final da década de 90 do século passado, que oferece o aparato teórico e a base metodológica de leitura e análise, possibilitando

ainda não circunscrever a personagem de ficção a um domínio estritamente literário, mas contemplando também a sua sobrevida¹ noutros contextos mediáticos, como os videojogos, a televisão, o cinema, a pintura ou o teatro.

Tratando-se de uma obra online, que obedece à lógica hipertextual – abertura, interatividade e intertextualidade – cada uma destas entradas oferece um considerável número de hiperligações – internas e externas – que possibilitam o acesso a informações complementares: desde leituras extensivas, com informações de relevância histórico-literária, até ao acesso a objetos multimédia que revelam a sobrevida das personagens noutros produtos ou suportes, mostrando os aproveitamentos transmediáticos destas figuras e a sua vitalidade. O verbe sobre Afonso da Maia, personagem de *Os Maias* de Eça de Queirós, é um

1 O conceito de sobrevida da personagem é deste modo definido por Calos Reis. “a vitalidade das personagens, potenciada por sucessivos atos de figuração (...) é indissociável de propósitos de ordem ética, moral e ideológica, beneficiários diretos da autonomização das ditas personagens, permitindo dilatar consideravelmente as virtualidades semântico-pragmáticas que elas encerram” (Reis, 2015, p. 36).

bom exemplo: além de conter um *link* para um breve perfil do autor – como sucede em todos os textos – contém uma hiperligação para a minissérie da Rede Globo, produzida em 2001.

Pelo que fomos aduzindo, esta obra coordenada por Carlos Reis vem preencher, decididamente, uma lacuna no contexto editorial português. Embora existam já alguns dicionários de personagens – aliás elencados nesta obra na secção “Recursos” – regra geral trata-se de obras excessivamente descritivas, sobre determinada época ou autor específico, como o *Dicionário de personagens da novela camiliana* de Maria de Lourdes Ferraz ou o *Dicionário de personagens da obra de José Saramago* de Salma Ferraz. O DPFP tem uma natureza e um alcance distintos. Trata-se de uma imprescindível base de informações sobre a ficção portuguesa da época moderna e contemporânea, que se distingue dos restantes essencialmente a dois níveis. Por um lado, o formato: a opção pelo *medium* digital e online é consentâneo não apenas com as novas formas de pesquisa e investigação, sendo de fácil acesso a qualquer leitor que domine a língua portuguesa; este formato é

também a melhor opção num trabalho em progresso, que vai acompanhando a evolução de um projeto de investigação, permitindo a introdução de correções e atualizações. Por outro lado, o alcance da obra distingue-se de outras congéneres: aborda a ficção narrativa portuguesa sob o ponto de vista de uma categoria narrativa plurissignificativa – a personagem – com repercussões na essência da narrativa, quer do ponto de vista discursivo, quer semântico e ontológico. Potencia, desse modo, o cruzamento de conceitos, de áreas disciplinares, contribuindo não só para a abertura dos estudos literários, mas também para o aprofundamento de uma área dos estudos narrativos que tem vindo a conhecer forte investimento, a do estudo da personagem.

Assim, o DPFP constitui-se doravante como um instrumento de trabalho muito útil para um público muito abrangente: desde estudantes de graduação e pós-graduação, a docentes do ensino secundário, até investigadores em formação avançada. A lógica hipertextual permite, precisamente, adequar os diversos nichos de leitores/usuários a diferentes níveis

de aprofundamento das questões. Finalmente, e este parece ser um dos elementos diferenciadores desta obra, o facto de não restringir a abordagem às personagens ao contexto literário de origem possibilita a extensão a outras práticas mediáticas, do cinema à televisão, da rádio à banda desenhada, sublinhando desse modo a atualidade de figuras que, mesmo criadas há duzentos anos, continuam a dialogar com o nosso tempo e com o nosso quotidiano.